

TELEVISÃO E POLÍTICA: O MITO TANCREDO NEVES ENTRE A MORTE, O LEGADO E A REDENÇÃO¹.

Cássia R. Louro Palha
Profª Adjunta da Universidade
Federal de São João del-Rei.
E-mail: palha17@gmail.com

RESUMO:

Todo e qualquer mito é sempre tributário do momento histórico no qual foi concebido. Assim, há sempre uma correspondência entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. Neste texto em específico, um momento caracterizado por um “transformismo” político - o chamado processo de “redemocratização”- levado a cabo no pleito indireto que elegeu Tancredo de Almeida Neves na primeira metade dos anos oitenta. O presente trabalho aborda o papel estratégico da televisão brasileira na arena política nacional neste período, através da análise de programas jornalísticos (Globo Repórter – Rede Globo de Televisão) em torno da trajetória deste político mineiro, abordando os traços narrativos da construção simbólica de sua imagem e mitificação.

Palavras-chave: política – mitificação – televisão brasileira

Embora toda imagem política mitificada seja constantemente reatualizada na arena da disputa simbólica sob a forma de múltiplas ressonâncias e significações - basta lembrar como a imagem de Getúlio Vargas é utilizada pelas mais divergentes correntes partidárias possíveis – é plausível se dizer que as construções em seu entorno obedecem a uma arquitetura narrativa cujos traços se fundamentam numa ordenação praticamente orgânica (GIRARDET:1987).

No ano em que se comemora o centenário do nascimento e os vinte e cinco anos da morte do político mineiro Tancredo de Almeida Neves, o presente texto tem por intento abordar as construções simbólicas (BOURDIEU:1998) em torno de sua imagem nas mensagens veiculadas pela mídia nacional no desaguar da chamada “abertura política” do país e aqui especificamente, através da análise dos programas do *Globo Repórter* da Rede Globo de Televisão. Entendendo o período em questão a partir do que Gramsci (1989) denominou de “transformismo político”, a transição conservadora que se seguiu rearticulando os grupos dominantes e garantindo a acumulação, caminhou paralelamente ao movimento de consolidação de uma cultura midiática dentro do país, mormente em relação à hegemonia da Rede Globo de Televisão e de seu telejornalismo.

Para além das inovações tecnológicas em sua estrutura de produção, o telejornalismo da emissora se bifurcou no início dos anos 1980 entre os programas de rede e os locais, intensificando o diálogo entre as afiliadas e a Central Globo de Jornalismo, integrando assim o público brasileiro a uma indústria da notícia de caráter ainda mais abrangente, através de

formatos narrativos baseados na figura central de apresentadores e repórteres, verdadeiros “porta-vozes” de uma “comunidade imaginada”² em bases eletrônicas. Com uma deliberada omissão na cobertura da participação dos diversos setores da sociedade civil junto ao processo político daquele momento³ – onde se observa uma rígida censura interna em seu jornalismo - a programação da emissora seguiu no apoio ao processo eleitoral indireto urdindo sentidos em torno da imagem e posteriormente da mitificação política de Tancredo Neves, mediando pelas telas o espaço mais imediato de contato entre sociedade política e sociedade civil. Um espaço privilegiado de formação da opinião pública em suas muitas trocas e ressignificações simbólicas e, sobretudo, de produção de uma certa memória nacional, num país que se habituava cada vez mais a se “re-conhecer” pela televisão.

Enquanto para o *Globo Repórter* o conjunto de programas especiais sobre o político mineiro (num total de cinco entre 17/01/85 a 15/08/85) representou um divisor de águas frente à transição interna de seus profissionais, de seu formato e linguagem⁴, para os interesses políticos nacionais Tancredo Neves figurou como elo fundamental do trânsito conservador que se seguiu. Um perfil em muito devedor da fusão das narrativas do espetáculo com o melodrama cujo roteiro analiso aqui a partir dos capítulos da morte, do martírio e da redenção.

A) A morte: o “homem providencial” e Tiradentes.

O programa veiculado pelo *Globo Repórter* logo após sua morte - *Tancredo Especial* de 24/04/85⁵ - definiu a construção do perfil de Tancredo Neves de forma a torná-lo memorável para a história política nacional, dotando a figura do político de características de uma autoridade tutelar da nação. Tal como propõe Girardet (1987), a imagem veiculada em muito se aproximou do “homem providencial”, aquele político que se afirma a partir de uma “ruptura dos tempos”. Nessa direção, a imagem de Tancredo Neves foi associada ao legado simbólico de Tiradentes, ambos instaurando em momentos distintos, um sentido de limiar da liberdade de uma nova nação.

A locução de abertura do programa já denota essa perspectiva, na voz de Eliakim Araújo: “*Esta noite, quando a histórica São João del Rei enterrou o seu presidente, reuniu num só destino dois filhos ilustres de seu chão: Tancredo de Almeida Neves e Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Patrono cívico da nação brasileira*”. Neste instante, as imagens focam de baixo para cima a estátua de Tiradentes, criando um sentido de imponência e amparo paternal. O relato continua, e para além do mesmo torrão é feita a segunda analogia: “*Joaquim José da Silva Xavier, o mártir da independência, nasceu em Pombal, que pertencia a São João del Rei,*

em 1746. Foi também em São João del Rei, quatro anos após a morte de Tiradentes que chegava o alferes José Antônio das Neves, trisavô de Tancredo Neves.”

A partir dessa tomada, direto de Ouro Preto o repórter Ronald de Carvalho prossegue com a narrativa, construindo elos de intimidade do líder com o espectador. São relatos sobre a “mineiridade” de Tiradentes, homem bem humorado, famoso por ser um exímio contador de “causos”, alguém que conhecia os segredos da minerologia, que tinha sido comerciante, tropeiro, vigilante de estradas por onde passavam o ouro das Minas Gerais. De dentro da Casa dos Contos o repórter começa então a descrever o movimento dos inconfidentes, encenando o tempo histórico da Vila Rica do século XVIII: *“Vila Rica das Minas Gerais. Daqui saíram toneladas de ouro para o rei de Portugal. (...) Em silêncio, os brasileiros se organizavam para dar o seu grito de liberdade. (...) Uma Inconfidência que se fazia pelas ruas das Minas Gerais”*. Junto com as palavras do repórter, as imagens constroem sentido com câmeras em *traviling* percorrendo solitárias as vielas estreitas de pedra da cidade histórica em meio às sombras do casario escondido pela forte neblina da madrugada. A trilha sonora escolhida é *“Coração de Estudante”*, porém, ouve-se apenas a voz de Milton Nascimento pronunciando a palavra “coração” compassadas vezes, em tom dramatizado, como numa ladainha religiosa. Um clima de suspense paira na fronteira entre a reconstituição das cenas históricas e o apelo quase fúnebre da música.

Na seqüência, a narrativa segue descrevendo as reuniões dos inconfidentes e o lugar “predestinado” de Tiradentes junto ao movimento. Nesse momento, a terceira referência a Tancredo Neves e agora diretamente à própria transição política: *“Mesmo entre aqueles que lutavam pela liberdade, havia traidores (...). As reuniões dos inconfidentes corriam perigo. Quinze de março de 1789, uma madrugada em que Tiradentes foi denunciado (...)*”. Mais à frente Eliakim Araújo em *off*, narra em meio a imagens do Congresso Nacional em festa:

Foi também num quinze de março, cento e noventa e seis anos depois de Tiradentes ter sido traído, que o presidente Tancredo Neves tomaria posse da presidência do Brasil. Vitória de uma vocação política. Tancredo Neves, um homem de missões.

Aqui, a referência à traição é o mote para a ressignificação do inimigo enfrentado por Tancredo: a própria ditadura militar. A indicação explícita desse inimigo está em estreita relação com a construção da imagem do líder político, que comporta a encarnação de algumas necessidades psicológicas condicionadas por uma situação conjuntural historicamente definida. Como sugere Girardet (1989:82), o mito político tende a definir-se como uma resposta a uma forma de expectativa popular, “a um certo tipo de exigência”. Nesse sentido, a persuasão política tende a recorrer à projeção de sentimentos hostis em direção a um regime, uma instituição ou

figura transformada em símbolo daquilo que é coletivamente mais odiado. Assim como na ficção, a criação de um herói na política envolve quase sempre a criação complementar de seu oposto (basta lembrar da luta dos americanos contra os terroristas e anteriormente contra os comunistas, destes por sua vez contra os imperialistas, de Hitler contra os judeus ...). Para Ferrés (1998:166), trata-se da utilização do estereótipo negativo como inversão dos processos através dos quais a sedução pelo mito passa a ser mais facilmente lida e aceita.

Em nosso contexto, com o aborto das “Diretas já” e os desdobramentos do pacto conservador da transição, foi garantida a manutenção da rota criando-se ao mesmo tempo, como afirma Novais (1988:651), a ilusão de que os graves problemas nacionais se deviam apenas a ditadura militar. Ao longo dos blocos do programa, é na luta por esse inimigo que o político se afasta do campo do ordinário em direção ao coroamento de sua capacidade heróica de sublimação pelo coletivo. A referência ao “inimigo ditadura” é certa e frisada na locução de Eliakim: “(...) o gesto mais simbólico de sua coerência política, foi o de ter sido o único parlamentar do PSD que não votou para a indicação do coronel Castelo Branco para a presidência em 1964”.

Já na terceira parte do programa, a imagem do quadro “*Tiradentes Esquartejado*” do pintor Pedro Américo ⁶ ocupa as telas. A narração em *off* sentencia e complementa o apelo imagético do esquartejamento de Tiradentes em sua ligação simbólica com o universo católico do calvário cristão, ao mesmo tempo em que constrói novamente a analogia com Tancredo:

De todos os inconfidentes, só Tiradentes foi executado. Vinte e um de abril de 1792 (...) do corpo de Tiradentes não restou nada, ele foi dividido em pedaços e exibido pelas cidades do país como exemplo a todos que quisessem a liberdade. Dez e meia da noite de 21 de abril de 1985. O martirizado corpo do presidente Tancredo Neves não aguenta mais.

É o coroamento do sentido de martírio dado à enfermidade do político - lembrando que essa narrativa de sofreguidão tem início em programas anteriores bem como em toda a cobertura dada à doença do político nos diversos telejornais da emissora - em relação direta com a morte do inconfidente. Essa perspectiva fica mais evidente quando o programa reprisa parte do discurso do político feito em 21 de abril de 1984, em Ouro Preto. Comunicando aos espectadores que a partir dele e do *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles, o programa homenageia Tancredo Neves, a locução de Eliakim Araújo explica que será feita uma encenação com os atores Mário Lago e Rodrigo Santiago: um diálogo imaginário entre o próprio Tancredo e Tiradentes. Reproduzo aqui parte do diálogo interpretado pelos atores. O cenário é simples, duas cadeiras colocadas de frente uma para a outra, com a luminosidade centrada nos atores. Estes, sentados rentes às cadeiras, com roupas modestas em tom pastel. A ênfase da tomada é a

expressividade dramaturgicamente dada à própria retórica. Mário Lago assume a fala de Tiradentes e Rodrigo Santiago a de Tancredo Neves:

Tiradentes: Vim trabalhar para todos, mas para mim, quem trabalha? Tombado fica o meu corpo nesta esquecida batalha (...) Por onde a glória se espalha?

Tancredo Neves: Tiradentes, o teu holocausto não foi um gesto dramático e inútil. Nós nos tornaremos dignos de honrarmos a sua memória e viver pelos seus ideais. Não se apaga do coração do povo a fé que lhes incutisse (...)

Tiradentes: Que fizeste da pátria que pela qual sonhei? Pela qual fui enxovalhado no corpo e na alma?

Tancredo Neves: Apesar de tudo, aqui está, íntegra. A pátria que fizemos sob os alicerces do seu sangue. (...) A tua luta consagrou o sentido permanente da luta: “Liberdade ainda que tardia”. Se quisermos, faremos do Brasil uma grande nação.

Logo após o tom redentor da encenação, as imagens que se seguem resumem o intento: há a fusão do rosto de Tancredo com a estátua do Inconfidente, na identificação de uma espécie de “linhagem mineira”. Uma mensagem que converge para todo um conjunto de discursos proferidos pelo próprio Tancredo Neves durante o processo de transição: a unidade da nação surge como subproduto da conciliação mineira, do espírito de tradição e da liberdade herdados das Minas Gerais. Para tanto, o tributo do sacrifício de seus filhos, que seriam os autênticos portadores dos ideais capazes de fazer da pátria “uma grande nação”.

B) O legado: a conciliação

Bourdieu (1987:196) ao recuperar a análise que Nietzsche faz do exercício do sacerdócio, mostra o apelo seminal que a noção de sacrifício ou “abnegação pessoal” exerce na construção/legitimação da figura do mandatário: “É quando me torno Nada – e porque sou capaz de me tornar Nada – de me anular, de me esquecer, de me sacrificar, de me dedicar – que me torno Tudo”. Ao recuperar a imagem do Inconfidente que dá sua vida pelo país, a morte de Tancredo e sua martirização por semanas acompanhada e “re-atualizada” pelas telas eletrônicas tem fim no acabamento de referência desse político que se torna “Tudo”, a partir do último grau da abnegação pessoal possível. Em outras palavras, com a morte têm-se o elemento final na construção do herói: ele se torna mito.

As tomadas seguintes da narrativa se desenvolvem exatamente a partir desse ponto. O apresentador até então com expressão reservada, muda de fisionomia e num tom de renovado ânimo, faz a locução do texto: “*O Brasil viu nascer um novo herói popular: Tancredo Neves! Nas escolas, as crianças agora já sabem: dia 21 de abril é o dia de dois heróis da liberdade: Tiradentes e Tancredo Neves.*” Imediatamente após esta chamada, abre-se uma longa cobertura na Escola Parque do Rio de Janeiro, esquadrihando as brincadeiras do recreio, os cantos cívicos, os corredores e o interior das salas de aula, onde depoimentos são colhidos em meio à

espontaneidade tipicamente infantil, reforçando de várias maneiras a construção do novo herói do panteão nacional, entre eles: *“Tancredo foi um político que teve vários postos, mas não conseguiu completar nenhum. Ai quando ele conseguiu ser presidente da República, ele teve que fazer muitas operações, sofreu e não resistiu e morreu”*. Interessante notar a ênfase na noção do martírio e da morte do político. Nesta mesma direção, três anos mais tarde, o historiador Paulo Miceli (1998:20) pesquisando na área de Ensino de História a força simbólica dos heróis, constataria o peso angariado por Tancredo Neves naquele momento, que em seu levantamento, empatou com D.Pedro II na preferência dos alunos, apesar de perder a dianteira exatamente para Tiradentes. Em sua conclusão:

O empate entre um dos mais venerados heróis nacionais e um político da atualidade pode, à primeira vista, até surpreender, mas existe uma razão evidente para isso: na atualidade, quem desempenha o antigo papel da história na criação do acontecimento são os meios de comunicação e a mitificação de Tancredo Neves se deveu diretamente à TV. (...) As crianças tentam explicar a partir principalmente da imagem do martírio e do desfecho fatal, um dos mais fortes apelos de todas as crenças: “ele lutou por uma Nova República, democrática e por ela morreu antes de ocupar o cargo”.

Voltando ao programa e ao pensamento de Bourdieu, pode-se dizer que tal apelo ao “desfecho fatal” potencializado pela televisão, como citado acima, ganha nos desdobramentos da narrativa a configuração daquilo que o teórico chama de *“efeito de oráculo”*. Senão vejamos: em plano médio, com um fundo azul de cenário, o psicanalista Hélio Peregrino dá seu depoimento para as câmeras. Mais que isso, empresta a credibilidade de seu lugar de especialista a essa imperativa argumentação:

Tancredo e Tiradentes são mitos. Tancredo e Tiradentes são pais da pátria autênticos. Tancredo e Tiradentes são heróis. O herói é todo aquele que morre por uma causa nobre e morrendo por uma causa nobre, ele realiza um valor de vida que transcende a morte. Ele realiza e encarna essa utopia que é tão velha quanto o homem: a vitória da vida sobre a morte.

Logo após esse texto, o apresentador segue em *off*, com imagens de Tancredo discursando no Colégio Eleitoral: *“Mas Tancredo Neves antes de virar mito, construiu por cinquenta anos uma carreira política. Desses anos ele deixa ao país várias lições”*. A tomada então prossegue selecionando recortes do discurso feito no dia de sua vitória. Dentre eles, reiteradamente é veiculado o apelo da conciliação. Na voz de Eliakim: *“Sempre que pôde, Tancredo Neves se definiu como defensor da conciliação. Ele achava que o Brasil devia seguir essa lição”*. Neste momento, as imagens abrem uma chamada de fixação. Ao lado, a mesa central do Congresso e em letras garrafais, a palavra em destaque: *“conciliação”*. Como sonoridade, o hino nacional ao piano. Após a chamada, Tancredo aparece novamente discursando: *“Se o Brasil souber conter as*

suas posições de radicalismo que levam a confrontos desiguais e funestos / Se colocarem as aspirações nacionais acima dos interesses sectários ou das ambições personalistas (...)”.

O bloco seguinte segue aliando a perspectiva da conciliação com a “missão” do político em promover mudanças, que deveriam ser antes de tudo, amparadas legalmente, o que implicaria numa reorganização institucional do Estado: *“Vim para promover as mudanças, mudanças políticas, mudanças econômicas, mudanças sociais, mudanças culturais...”* Nota-se que esses momentos narrativos se complementam. A argumentação da retórica do psicanalista deixa claro - até na imposição verbal de que se utiliza - que o mito existe e se eterniza ao vencer a morte, enquanto o apresentador enfoca o sentido dessa vitória pelas lições deixadas pelo mito. É por intermédio delas que o mito vive. É por meio delas que são canonizados símbolos capazes de torná-lo operante diante de uma determinada conjuntura, funcionando como “uma espécie de revelador ideológico” (GIRARDET:1989). É nessa direção que o mito ganha o contorno do *efeito de oráculo* proposto por Bourdieu (1990:196-197): “a pessoa individual, o eu, anula-se em proveito de uma pessoa moral transcendente”. Em outras palavras, o mito político torna-se referência de valores universais tornando-se sagrado e podendo ser acionado em circunstâncias históricas distintas, resignificando-se no tempo e no espaço da arena de interesses em que é convocado, encerrando o que Rüsen (2007) denomina de constituição exemplar de sentido histórico.

E na condição de porta-voz do povo ele produz simultaneamente a mensagem e o deciframento da mensagem. O que Bourdieu chama de uma forma geral dentro do campo político de “ventriloquia usurpadora”. O povo é, sente e quer, aquilo que seu representante diz ser, sentir e querer. Nessa perspectiva, a ênfase no primado da conciliação como valor da vida política de Tancredo Neves tende a ser agregado na construção midiática de uma certa “memória nacional” desse período como um valor universal, aceito e manifesto pela própria nação. Lembrando que, tanto na abordagem dada aos programas aqui analisados quanto nos discursos proferidos pelo político em sua carreira, o conceito de conciliação aparece ligado a uma perspectiva missionária e sempre pragmática, ativa, tentando por sua vez, libertá-lo de uma possível associação à idéia de conformismo. Em suas palavras: “(...) Uma coisa é ser conciliador, outra é ser conformista. E o mineiro sendo um conciliador, foi sempre um revolucionário. Todas as revoluções do Brasil partiram de Minas, desde Tiradentes até 1964”⁷. O sentido mais amplo do legado do político mineiro veiculado pelas telas segue exatamente nessa direção: o princípio da conciliação/moderação pragmática como elemento fundamental e provedor da ordem e do equilíbrio social frente aos então chamados *“interesses sectários e radicais”*. Leia-se: frente a

partidos, grupos e sujeitos sociais de esquerda que não fariam parte do bloco dominante e do projeto político-social que então se iniciaria a partir da proclamada “Nova República”.

A parte final do programa traz no contraponto mais racionalizado da lição a ser apreendida através do mito, uma forte referência de apelo sentimental. São resgatadas as imagens do velório e do enterro de Tancredo Neves que foi acompanhada pela emissora em tempo real. Abro um parêntese nesse momento, para o depoimento de Carlos Nascimento ao Memorial Globo, a respeito dessa cobertura, então reprisada neste programa:

O enterro foi à noitinha, às sete horas mais ou menos. Durante a tarde, o Boni queria esquentar a programação e mandou eu narrar o que estava acontecendo. Só que não estava acontecendo nada, porque os políticos iam começar a chegar depois. Mas ele mandava eu falar. Eu subia no telhado e pensava: ‘Vou falar o quê meu Deus?’ Aí, eu narrava as montanhas de São João del-Rei, o pôr do sol, descrevia e falava do Tancredo e o sino tocava...e ficava aquela coisa poética. E o Boni falava: ‘Ah, está ótimo!’ E foi assim a tarde inteira. **Até que, finalmente, à noite, houve o sepultamento e aquela cena incrível do sujeito com a pá. Quando eu comecei a falar o Boni disse: ‘A única hora que não é para falar é agora! Deixa, deixa!’ Então ficou aquele som do coveiro.** (grifos meus)⁸

Chama a atenção no depoimento não apenas a construção de contexto que ajudou a mobilizar o país que viveu junto com as telas o sepultamento do político, mas a projeção construída em torno de imagens que passaram a agregar valor a todo um universo simbólico do “homem providencial”. Ao lado das canções populares, dos sinos, da faixa presidencial não colocada, do boneco que sobe a rampa do Palácio do Planalto, o coveiro e sua pá tornam-se igualmente representativos da relação do povo com o mito. As menções que o jornalista faz à descrição de contexto (com montanhas, sol, céu, sinos...) sugere o que Girardet (1989:17-18) chama de “sintaxe” dos símbolos de purificação que são associados ao mito, onde sua imagem como redentor ou como “aquele que liberta”, quase sempre se vale de imagens de luz (o ouro, o sol ascendente, o brilho do olhar) e de imagens de verticalidade (o cetro, a árvore centenária, as montanhas). Um exercício narrativo cuja rede simbólica - para além do pragmatismo profissional de se cobrir lacunas de uma programação ao vivo - acaba por constituir, elegendo a seu modo elementos capazes de dar logicidade a todo um complexo de elementos psíquicos no qual ele se insere.

Do ponto de vista das ruas, milhares de pessoas mobilizadas em torno de um momento cívico pela perda do líder político. Pelas telas eletrônicas, a multidão se torna “nação-audiência” e assiste os passos do martírio do político através da suspensão de um tempo presente, ou de um “tempo autista” como aborda Barbero (2001), que se perpetuou no ritual eletrônico de potencialização da dor. A narrativa imagética foca então no choro e na comoção popular, enquanto a música *Coração de Estudante* serve de fundo musical ao lado do hino nacional

cantado por Fafá de Belém e o dobrar fúnebre dos sinos da pequena São João del - Rei . De todas as manifestações, a despedida dos mineiros no Palácio da Liberdade é a que ganha maior projeção. É também a que provocou quatro mortes e duzentos e setenta feridos. O jornalista Ernesto Paglia no meio da multidão incontida, narra: “*Tancredo Neves trouxe de novo os mineiros à Praça da Liberdade, só que agora para uma triste despedida*”. Sua locução cede espaço para as fortes imagens dos populares rompendo as grades de contenção e às cenas do pisoteamento que se seguiu: “*Impossível segurar tanta gente...*”

Na seqüência, destacam-se a intervenção de D. Risoleta Neves para que o povo se acalmasse, as rezas e o choro em todo o país, de edições fragmentadas dos vários discursos de Tancredo aos cerimoniais oficiais em Brasília e por fim, sua volta à pequena cidade mineira. É a volta do filho ilustre feito herói. O texto da bancada resume e reafirma a lição “moderadora” deixada pelo mito:

E aqui acaba a viagem. A última viagem de Tancredo Neves a São João del-Rei (...) Podemos estar certos que o povo não corre atrás da morte. Hoje, Tancredo Neves é a mais viva presença a nos iluminar nesta caminhada possível. Uma caminhada **modesta, sem utopia, sem revanchismo, sem exagero**. Uma caminhada que iremos realizar, custe o que custar. (grifos meus).

Ronald de Carvalho direto das ruínas da fazenda de Tiradentes fala do ideal de liberdade do Inconfidente perseguido e reconquistado por Tancredo Neves. Ao fundo, a bandeira mineira cede espaço aos poucos para a sobreposição da imagem da bandeira nacional. O diálogo encenado entre Tiradentes e Tancredo é reprisado e finaliza o programa: “-*Que fizeste com o sangue que dei pela liberdade e pela democracia? - Apesar de tudo, aqui está a pátria, íntegra. A pátria que fizemos sob o alicerce de teu sangue. Havemos de fazer deste país uma grande nação!*”

C) A redenção: o sacro se eterniza

O processo de narrativização em torno de Tancredo Neves não teve nesta cena, porém, seu último capítulo. É no programa *Romaria a Tancredo*⁹ exibido quatro meses depois de sua morte que o *Globo Repórter* encerrou a encomenda feita pela Central de Jornalismo da emissora. Nesse programa, o tom trágico da morte ganha sua redenção. O *efeito de oráculo* projeta contornos metafísicos no sentido próprio da palavra. Tancredo não apenas representa o povo “que o autoriza” nas múltiplas reapropriações que sua imagem passa a angariar no universo simbólico da política, mas passa a ser também um mediador de sua própria crença religiosa. O jornalista Ronald de Carvalho em sua última visita a São João del-Rei, traça a volta do povo a cidade, desta vez, como romeiros. Na centralidade da imagem das muitas cartas enviadas, sustentando a credibilidade da entrevista, ele interroga o síndico da Ordem Terceira de São Francisco, Alfredo Carvalho, ao mesmo tempo em que explica ao espectador:

Ronald de Carvalho: Essas são as mensagens, as cartas que o povo deixa em cima do túmulo de Tancredo Neves. Em algumas delas, nos envelopes há apenas a referência “Para Tancredo Neves, em mãos”. O Sr. Alfredo é síndico da Ordem Terceira de São Francisco que administra a igreja e o cemitério. Ele recolhe essas cartas e pretende fazer um álbum. Sr. Alfredo, o que essas cartas geralmente dizem?

Sr. Alfredo: As cartas são variadas de acordo com a condição social e com o grau intelectual da pessoa. Um pedem emprego para um filho, outros pedem para tirar a bebida, outros pedem a cura de uma doença e depois voltam aqui para resgatar a promessa, mandando celebrar uma missa para o Tancredo.

No conjunto da narrativa, imagens de Tancredo em meio a santos católicos, camisas, chaveiros, bonecos, bonés, salgados e doces, gritos de ambulantes e romeiros disputando espaço nas ruas históricas estreitas da cidade que se transforma diante das câmeras numa “Asa Branca”¹⁰ real. Como nos passos do calvário de Cristo, a saga do herói é exposta em quadros e em versos de cordel: “*Tancredo e Tiradentes tiveram a mesma sorte / Pelo povo deram a vida / Pelo Brasil deram a morte.*”

O samba e os chorinhos disputam a trilha sonora com “*Coração de Estudante*”, evocando o sentido de uma brasilidade mais tipicamente reconhecida, ao fazer referência à mensagem do brasileiro capaz de transitar entre a festa e a fé, o sagrado e o profano. O coveiro citado por Carlos Nascimento é então resgatado como um guardião não apenas do cemitério, mas da memória nacional em sua devoção ao líder. Daí que sua disputa com o síndico da Ordem de São Francisco pela pá utilizada no sepultamento, bem como todo um amplo relato feito em torno de objetos pessoais que se tornaram relíquias ao lado de depoimentos sobre “graças” alcançadas por romeiros, tenha adquirido uma narratividade de quase ficção, recusando-se a separar em lugares estanques os fatos e a encenação, o imediatamente palpável e a crença. Tudo se torna fetiche de um universo maior de narrativização da nação em sua relação com o político feito mito. Em seu depoimento, o editor-chefe do programa, Jorge Pontual, ponderou-me ao rememorar o conjunto dessas produções:

Os programas sobre Tancredo foram encomendados pela direção da Globo. Naquele momento Tancredo virou um símbolo da cidadania, da democracia, da própria nação e isso acabou resultando de fato numa santificação do personagem. Mais ainda quando ele morreu e fizemos um programa que foi ao ar em seguida ao enterro. Nessas condições seria difícil não santificar.¹¹

Nesse último programa, o sentido dessa “santificação” literalmente citada por Pontual ocupa finalmente seu lugar de expressão na sofisticada arquitetura dos “enquadramentos de memória” (POLLAK:1989) até aqui levantados. Ao contrário da idéia de uma construção arbitrária, para Pollak a noção de enquadramento funciona pelos critérios de certas exigências de justificação e conseqüentemente de identificação com seus sujeitos. Nesse sentido pode-se dizer que a televisão não só ajudou a promover esse exercício de orquestração do que merecia ser registrado como memorável, mas o reforçou potencializando sua força no imaginário popular. Os

símbolos aqui reiteradamente veiculados são exemplos. Dos sinos e montanhas de São João del-Rei aos prédios monumentais de Brasília (numa redescoberta do poder pela arquitetura da capital brasileira); da música *Coração de Estudante* ao hino nacional tocado em novo arranjo passando pela faixa presidencial; das imagens da multidão rompendo as grades do Palácio da Liberdade aos minutos eternizados do coveiro fechando a sepultura. E amalgamando tudo, o *sentido preferencial*¹² – na concepção de Hall (2003:398) - de todo o conjunto narrativo: a “conciliação” como expressividade maior da analogia com Tiradentes, consumada na data cívica “escolhida” para a morte do político. Nesse processo, ficam claros os investimentos naquilo que Pollak chama de aspectos essenciais do ponto de vista da psicanálise no que tange à construção de uma identidade coletiva: o sentimento de unidade, de coerência e de continuidade. Na narrativa midiática aqui analisada há não só a construção do vínculo do político com a nação que o autoriza (*unidade*), como igualmente a de *coerência* de seus elementos identitários cuidadosamente casados com a história política nacional e finalmente, sua *continuidade* temporal, a partir do legado da conciliação. É quando na catarse de purgação da dor gerada pela perda, a reapropriação da narrativa televisiva redimensiona os medos e as tristezas, recuperando no jogo de contrários o equilíbrio do prazer. Como na ficção novelesca, aqui a narrativa leva à redenção de um final feliz: o mito transcende as fronteiras da morte e consagra-se como um valor moral a ser seguido.

Notas:

¹ O presente texto é uma adaptação de parte do capítulo IV de minha tese de Doutorado intitulada “*A Rede Globo e o seu repórter: imagens políticas de Teodorico a Cardoso*”. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 2008; orientada pela prof.ª Drª Sônia Regina de Mendonça.

² Benedict Anderson (1989:45) ao cunhar seu conceito de “Comunidades Imaginadas” abordando os laços de construção de uma identidade coletiva, ou do sentimento de “pertença” a uma comunidade destaca o papel dos meios de comunicação, em especial na formação dos Estados Nacionais na Europa, afirmando que a “tecnologia do capitalismo de imprensa” tornou possível “a um número cada vez maior de pessoas, pensarem sobre si mesmas e se relacionarem com outras, de maneira profundamente renovada”.

³ Me refiro aqui a campanha das “Diretas já” com a emissora ignorando os principais comícios organizados no país até duas semanas antes da votação da Emenda Dante de Oliveira. Em especial pode-se citar o comício na Praça da Sé em São Paulo, noticiado pelo JN apenas como uma festividade pelo aniversário da cidade. Cf. LIMA (2005) e o próprio Memorial JN (2004).

⁴ Na virada para os anos 1980, o *Globo Repórter* até então composto por uma equipe formada por vários cineastas provenientes do Cinema Novo, dos partidos e movimentos de esquerda dos anos 1960, que junto ao programa fizeram uso de uma linguagem de documentário, cede espaço para uma nova formação centrada por jornalistas da emissora. Numa proposta de “jornalismo como espetáculo”, a mudança refletiu para além de um maior controle editorial, a integração do programa a um público cada vez mais abrangente. Foi a afirmação de uma indústria da notícia que a partir de então investiria numa marca jornalística mais equânime e coerente do ponto de vista de seus interesses frente a uma audiência agora eleitora dos quadros políticos de um país em processo de “redemocratização”. Cf. PALHA (2008).

⁵ Fita T13-*Tancredo Especial*: Série Globo Repórter, 46’, 24/04/85, CEDOC/ Rede Globo. As citações envolvendo as fontes audiovisuais utilizadas na pesquisa serão citadas uma única vez, por programa analisado.

⁶ Obra integrante do acervo do Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora, Minas Gerais.

⁷ Depoimento de Tancredo Neves a SILVA & DELGADO (1985:45).

⁸ JORNAL NACIONAL: a notícia faz história / *Memória Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.174.

⁹ Fita R13 - *Romaria a Tancredo*, Globo Repórter, 45', 15/08/85, CEDOC/ Globo.

¹⁰ A famosa cidade de Dias Gomes, na novela *Roque Santeiro* (1975/1985), que após ter sido censurada em 1975, estreava dois meses antes a este programa em rede nacional. Na novela, o universo econômico e político da cidade eram sustentados pela devoção a Roque Santeiro, um jovem coroinha que vira santo ao salvar o povo local do bandido Navalhada.

¹¹ Entrevista concedida a esta pesquisa em 04/03/2005.

¹² Nas palavras de Hall (2003:396-398) : “Ao falarmos de sentidos preferenciais ou dominantes, não estamos nos referindo a um processo de mão única, que governa a forma como todos os acontecimentos serão significados (...) Esse processo consiste no trabalho necessário para fazer cumprir, conquistar plausibilidade para exigir legitimamente uma codificação do evento dentro do limite das definições dominantes nas quais esse evento tem sido significado conotativamente”.

Referências Bibliográficas:

ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

BARBERO, M. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FERRÉS, Joan. *Televisão Subliminar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GRAMSCI A. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, 2003.

JORNAL NACIONAL: a notícia faz história / *Memória Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LIMA, Venício. Globo e política: tudo a ver. In: BRITTOS, Valério, BOLÃO César. (orgs) *Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia*. São Paulo: Paulus, 2005.

MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. São Paulo: Contexto, 1988.

NOVAIS, F. (Direção) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PALHA, C. *A Rede Globo e o seu repórter: imagens políticas de Teodorico a Cardoso*. Tese de Doutorado em História. Niterói:UFF/PPGH, 2008.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992.

RÜSEN, J. *História Viva: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília:Editora UNB, 2007.

SILVA & DELGADO. *Tancredo Neves: a trajetória de um liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985.